

ESTÉTICA TEATRAL

Maria Magaly Trindade GONÇALVES*

Embora o título ESTÉTICA TEATRAL seja de nossa escolha, temos consciência de que não é plenamente satisfatório. Ele poderia sugerir uma formulação teórica profunda e coesa, uma "visão" completa e harmônica, mas o que faremos aqui é apenas uma série de reflexões despreten-siosas, sem compromisso rígido com uniformidade e sem o desenvolvimento integral de uma proposta clara e exclusiva. Serão, repetimos, somente reflexões modestas.

Teatro (sabem todos sobejamente) é uma realidade com duas faces: literatura e espetáculo. Começamos com a primeira, a partir de alguns pontos do pensamento hegeliano. A *Estética* de Hegel contrapõe às artes plásticas (arquitetura - simbólica, escultura - clássica, pintura - romântica) a arte da música e a poesia (que

* Docente do Programa de Pós-Graduação.

tomaremos aqui como literatura), ambas também românticas, formando, entretanto, um par especial. Estas duas utilizam-se do som para exteriorizar "representações" e "interioridade". Na segunda, a arte da palavra, o som deixa de ser como que um fim em si, assume caráter sígnico, e, enfim, atinge nível supremo: a expressão não da "representação" mas da "interioridade" a ela correlacionada:

"A poesia ou arte do discurso constitui portanto o termo médio, que reúne os dois extremos de uma nova totalidade, formados pelas artes plásticas e pela música, para realizar a síntese deles. ... Com efeito, a poesia, tal como a música baseia-se no princípio da percepção imediata da alma por si mesma e em si mesma, princípio de que carecem a arquitetura, a escultura e a pintura, e, por outro lado, amplifica-se até formar com as representações, as intuições e os sentimentos interiores, um mundo objetivo, que mantém quase toda a precisão da escultura e da pintura, e, além disso, capaz de representar de forma mais completa que qualquer outra arte a totalidade de um acontecimento, o desenvolvimento da alma, de paixões, de representações ou a evolução das fases de uma ação." (2, p. 11-12).

De forma aparentemente paradoxal, se eliminado o som enquanto som, conclui-se que a ex-

terioridade e a objetividade da poesia estão na representação e intuição internas.

Após discorrer sobre a poesia épica (narrativa) e a lírica, Hegel aborda a dramática, que, para ele, une os princípios das duas primeiras: **a interioridade exteriorizada** de uma e **a interioridade independente** da outra. A poesia épica narra um acontecimento até mesmo a partir de imagens plásticas, descrevendo "...com uma grande amplitude poética, uma façanha, em todas as suas fases, assim como os caracteres donde dimana, quer na sua gravidade substancial, quer nos seus aventurosos encontros com acidentes e acasos exteriores, donde resulta um quadro do objetivo na sua **objetividade**" (2,p.157). Mesmo o que se poderia encarar como elemento **interior** só aparece objetivado na ação. A poesia lírica caminha em outro sentido:

"Tem a [lírica] por conteúdo o subjectivo, o mundo interior, a alma agitada por sentimentos, alma que, em vez de agir, persiste na sua interioridade e não pode por consequência ter por forma e por fim senão a expansão do sujeito, a sua expressão." (2,p.158)

A poesia dramática reúne as outras duas "...para formar uma nova totalidade que comporta um desenvolvimento objetivo e nos faz assistir ao mesmo tempo à manifestação dos acon-

tecimentos da interioridade individual, de modo que o objetivo se apresenta como inseparável do sujeito, enquanto que o subjetivo, pela sua realização exterior e pela maneira como é entendido, faz surgir as paixões que o animam como sendo uma consequência directa e necessária do que o sujeito é e faz." (2,p.159)

A poesia é a única arte que pode prescindir de materialização completa. A poesia (literatura) dramática, enquanto poesia, também o pode. Ocorre, entretanto, que ela só se realiza plenamente em sua execução exteriorizada, quando ultrapassa os limites do estritamente poético (literário). A execução, a plena realização da obra dramática, seu modo legitimamente concreto de existência, enfim, depende de um conjunto complexo de elementos não especificamente literários. É a outra face do teatro, o espetáculo, uma face que impõe fatores extraliterários, a começar pela presença (física) do homem (ator), num espaço (físico) visível, o do palco.

Isto não impede que uma obra dramática permaneça poesia (literatura), privada portanto do espetáculo, sua realização definitivamente concreta (teatro em sentido pleno). Algumas existem que, mesmo em leitura privada e silenciosa, ostentam inegável vitalidade

(Shakespeare deixou provas disso), mas é a vitalidade rara de um texto dramático que sobrevive como poesia (literatura), e o grau de vitalidade preservado nesses casos, é variável. A realização teatral, estritamente teatral, esta depende do espetáculo.

A execução final da obra dramática comporta um número considerável de elementos verbais e não verbais. A palavra, entretanto, permanece como elemento preponderante, entendida como palavra poética, literária. A palavra integra-se na unidade do todo (poesia e espetáculo), uma unidade concreta que confere ao todo um caráter verdadeiramente plástico, onde o espiritual (individualizado) é exteriorizado em sua manifestação sensível.

No teatro pós-clássico a palavra permanece primordial, mas o abandono da máscara estereotipada veio permitir que seu valor expressivo não se limitasse ao aspecto tonalidade, nem ao que lhe pudesse acrescentar a gesticulação a ela concomitante, permitindo-lhe que envolvesse o jogo fisionômico, na verdade a presença concreta do ator em sua totalidade física, em todo seu potencial expressivo. Assim, muito pode ficar a cargo da expressão gestual, mas este é um enriquecimento, um acréscimo de recursos, e não a exclusão da palavra.

O caráter duplo, híbrido, do teatro, até aqui entrevisto a partir da estética hegeliana, não é descoberta moderna. O Capítulo VI da *Poética* de Aristóteles é claro:

"É a tragédia a representação duma ação grave, de alguma extensão e completa, em linguagem exornada, cada parte com o seu atavio adequado, com atores agindo, não narando, a qual, inspirando pena e temor, opera a catarse própria dessas emoções."(1,p.24)

A presença física do ator "agindo" impõe a necessidade do espetáculo, na concepção Aristotélica da tragédia. O trecho seguinte da *Poética* é igualmente claro:

"Como a imitação é feita por personagens em ação, necessariamente seria uma parte da tragédia em primeiro lugar o bom arranjo do espetáculo; em segundo, o canto e as falas, pois é com esses elementos que se realiza a imitação."(1,p.25)

A importância que a *Poética* atribui à "ação" é revelada mais de uma vez:

"A mais importante dessas partes [da tragédia] é a disposição das ações; a tragédia é imitação, não de pessoas, mas de uma ação, da vida, da felicidade, da desventura; a felicidade e a desventura estão na ação e a finalidade é uma ação, não uma qualidade." (1,p.25)

"Ademais, sem ação não poderia haver tragédia; sem caracteres, sim." (1,p.25)

Embora "ação" não seja elemento inerente apenas ao espetáculo, nem ao teatro em suas duas faces, Aristóteles parece tê-la sempre em mente como algo mais visivelmente relacionado ao aspecto não estritamente poético da arte dramática, pelo que diz um pouco antes dos trechos acima:

"Como se trata da imitação duma ação, efetuada por pessoas agindo,..." (1,p.25)

Aristóteles, à primeira vista, parece menosprezar o espetáculo, quando diz, por exemplo:

"O espetáculo, embora fascinante, é o menos artístico e mais alheio à poética; dum lado, o efeito da tragédia subsiste ainda sem representação nem atores; doutro, na encenação, tem mais importância a arte do contra-regra do que a dos poetas." (1,p.26)

Observe-se, entretanto, o peso de "fascinante", e atente-se para o "mais alheio à poética". Parece haver aí a sensação de ser impossível (ou difícil) a discussão do teatro em termos estritamente circunscritos à poesia (literatura), o que reafirma o caráter peculiar do teatro: literatura e não literatura, um híbrido intrigante e paradoxal. E embora Aristóteles admita que o efeito da tragédia possa existir "sem representação" (o primado do texto dramático), afirma implicitamente o valor da encenação, reconhecendo-lhe o aspecto "fascinante".

Ainda que admitindo que a vitalidade da tragédia se possa preservar mesmo sem ence-

nação, isto é, mesmo com a simples leitura, a *Poética* não deixa de afirmar a importância da música e do espetáculo em geral.

Por último, recordemos aqui Antonin Artaud (*Le Théâtre et son Double*), cuja defesa dos "direitos" do espetáculo recorreu às vezes ao extremo do banimento da palavra do âmbito do teatro (como procedimento nitidamente retórico, pelo menos até onde se pode julgar). Mencionamos Artaud por ser notório como caso extremo de desprezo pela palavra. É curioso (mas compreensível), que, ao falar da linguagem total do teatro, inclusa na "mise en scène", Artaud nela descubra duas funções. Uma delas é assumir tudo aquilo que possa caber em cena, independentemente da palavra propriamente, o que reafirma a importância dos elementos, por assim dizer, plásticos ou sonoros mas não verbais. A outra, entretanto, é ser a linguagem teatral a própria materialização da palavra. Não se trata de suprimir a palavra, mas de conferir a ela um peso novo, usá-la numa dimensão concreta e espacial, passível de ser usada como verdadeiro objeto sólido, capaz de afetar o mundo. O campo do teatro, assim, manifesta-se como algo físico, com um domínio que não se restringe ao psicológico.

Tudo isto já o dissera, de certa forma, Aristóteles, ao falar do peso da ação e dos caracteres, e Hegel, de certa forma, já o reafirmara.

O recurso à *Poética* de Aristóteles, à *Estética* de Hegel e aos escritos de Antonin Artaud teve aqui o propósito de acentuar o caráter duplo do teatro, o lugar da literatura e o do espetáculo, como fatos que marcam o drama, apontando-lhe de alguma forma, a essência dúplice, mas, ao mesmo tempo, o primado da palavra. No teatro, por fim, o espetáculo confere à "poesia" uma forma específica de exteriorização, uma forma que não lhe tira radicalmente o estatuto literário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ARISTÓTELES: *Poética*, In: ___. *A Poética Clássica* - Aristóteles, Horácio, Longino Trad. de Jaime Bruna, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo Cultrix, 1981.
2. HEGEL: *Estética - Poesia*. Trad. de Álvaro Ribeiro. Lisboa: Guimarães Editores, 1964.